

TRIBUNA Livre

7
MAIO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A posse dos novos presidente e vice-presidente da Câmara foi uma manifestação vibrante de nacionalismo e de fé no progresso do Concelho

Realizou-se, na passada quinta-feira, a posse dos srs. drs. Eduardo Gonçalves e António José da Costa, nos cargos, respectivamente, de presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Amares, a qual foi conferida no Governo Civil pelo senhor Conselheiro António de Azevedo Abranches, ilustre Chefe do Distrito.

Para assistir à posse se revestiu do maior brilhantismo e constituiu uma memorável jornada de fé nacionalista, compareceram no Palácio dos Falcões as entidades mais representativas do Distrito e do Concelho, a atestar duma maneira inequívoca a unanime simpatia de que gosam os empossados.

A ampla sala encheu-se inteiramente e alguns dos assistentes tiveram que recorrer à sala contígua e aos corredores, ao mesmo tempo que diversos telegramas traziam a aquiescência de diferentes pessoas que por motivos imperiosos não puderam estar presentes pessoalmente.

De entre outras pessoas pudemos anotar a presença dos Srs. dr. Teófilo Esquivel, presidente da Comissão Distrital da União Nacional, dr. João da Mota Campos, prof. dr. Joaquim Nunes de Oliveira, Padre Benjamim Salgado e dr. Jorge Antunes, respectivamente, vice-presidente e vogais do mes-

mo organismo, Padre José António Dias, presidente da Câmara da Póvoa de Lanhoso, dr. António Ferreira, presidente da Câmara de Vila Verde, Eng. José de Oliveira, presidente da Câmara de Famalicão, dr. José Vicente da Silva Taveira Catalão, presidente da Câmara de Terras de Bouro, dr. José Maria Araújo, vice-presidente da Câmara de Braga, dr. Felicíssimo Campos, presidente da Junta Distrital de Braga, Capitão Rui Mendonça, Comandante Distrital da Legião Portuguesa, Tenente Brito, Comandante interino da P. S. P. de Braga, Capitão Euclides de Barros, dr. José Bernardino Amandio, de Esposende, director do Jornal «O Cávado», Padre Guimarães, director do «Noticias de Famalicão», Padre Alberto Rocha, director do «Jornal de Barcelos», Rebelo de Mesquita, director do «Jornal de Famalicão», director do Jornal de «Póvoa de Lanhoso», representantes dos jornais «Estrela de Famalicão», «Vilaverdense» e «Jornal das Aves», dr. Castro Meireles, dr. Tomé Gonçalves, Evaristo Corais, Cônego dr. António José Ribeiro, dr. Ilídio Nunes de Oliveira, dr. Augusto Silva, João de Almeida, Arcipreste da Póvoa de Lanhoso, Ortigão de Oliveira, muitos membros do clero e demais pessoas de representação social cujos

nomes não pudemos anotar.

Do concelho de Amares encontravam-se presentes toda a Comissão Concelhia da União Nacional, todos os membros do Conselho Municipal e da vereação, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, Presidente da Comissão Municipal de Assistência, Comandante da Legião Portuguesa, toda a direcção dos Bombeiros Voluntários e Comandante do Corpo Activo, a direcção do do Futebol Clube de Amares, todos os presidentes das Juntas de Freguesia e demais autoridades, párcos das freguesias, todos os chefes das diferentes repartições, presidente da Junta de Turismo de Caldelas, e, por representação e por motivo de doença o sr. presidente do Grémio da Lavoura.

Fala o sr. Governador Civil

Lidos os autos de posse usou da palavra em primeiro lugar o Senhor Governador Civil que se referiu à vitória de Portugal no Tribunal de Haia e ao resultado con-

seguido pela Polícia Judiciária no caso da morte do Capitão Almeida Santos o que mereceu de toda a assistência os mais calorosos aplausos.

Em seguida disse das dificuldades encontradas para unir os nacionalistas do concelho, felicitando todos os presentes pelos resultados conseguidos e mostrando o seu desejo e a sua esperança de que, de futuro, da união e colaboração de todos com as novas autoridades se colham os melhores resultados para o concelho.

Expressou aos senhores presidente e vice-presidente cessantes o seu agradecimento pela colaboração que lhe dispensaram e o quanto fizeram pelo concelho e pelo Regime, dizendo esperar que continuem a dar a sua colaboração.

Dirigindo-se ao sr. presidente da Câmara disse-lhe do apreço por ele tido desde os bancos do Liceu, salientando o prestígio que goza entre todos os seus municípios e de quanto todos o esperam da sua acção.

Ao senhor vice-presiden-

te da Câmara o senhor Governador Civil manifestou a maior admiração pelas suas qualidades de trabalho e de dinamismo dizendo, também, que delas muito tem a esperar o concelho. Por entre palmas terminou por oferecer aos novos empossados toda a sua colaboração.

Fala o sr. João B. de Macedo

Findo o discurso do sr. Governador Civil falou o sr. João Barbosa de Macedo, comandante da Legião Portuguesa o qual começou por salientar a vitória política conseguida pelo ilustre Chefe do Distrito ao conseguir congraçar todos os nacionalistas em volta duma solução unanimemente louvada e quanto ela representa de benéfico para o Distrito que hoje, graças ao superior espírito de bem servir do Homem que o dirige, se encontra unido.

Estas afirmações, que representam o conceito geral sobre a acção do sr. Governador, mereceram acalorada

Continua na 4.ª página

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Oh! quantas vezes a cavalaria asturiana e leonesa desceu lá das alturas do *Finisterra* em desenfreadas correrias até às ribas do Douro, do Mondego e do Tejo, a embater a teimosa onda sarracena num choque e peso de forças que se contrabalançaram durante séculos, com bem pouco sensível melhoria a favor das hostes cristãs, quando não afrouxavam, e então se viam de novo oprimidas até às portas de Compostela!

Santiago e aos mouros era o brado de exortação em campos de batalha. Mas só quando a Milícia religiosa verdadeiramente se instituiu, é que destes episódios de uma luta intermitente, em que consistiu o sistema das cavalarias de *fossado* e reciprocamente se talavam as cidades e os campos, é que efectivamente começou a exercitar-se o esforço

nigente do resgaste da Espanha, pela definitiva conquista e restauração das cidades desbaratadas, reconstruindo-as e fortificando-as; das populações desfeitas, repovoando-as; pela recuperação dos campos abandonados e incultos.

A fundação do Condado Portucalense, e imediatamente e da Nacionalidade, estão no meio tempo das duas fases desta luta encarnizada e aí assenta a caminhada horóica da última jornada dos triunfos cristãos na Espanha.

Pelos anos 1118 da era de Cristo, dois nobres cavaleiros franceses, Hugo de Payens e Jofre ou Godofredo de Santo Aldemaro partiram para a Palestina e aí fundaram uma ordem religiosa e militar que, por ter sido a sua primeira sede um edifício junto ao *templo* de Salomão, em Jerusalém, se tornou conhecida e

famosa pelo nome dos *Templários*.

Vestiam hábito branco e sobre ele uma cruz vermelha. Foi consagrada a defesa dos Lugares Santos e a socorrer, contra os infieis, os peregrinos e cruzados que iam e voltavam da Terra Santa.

Não a nós, Senhor, não a nós, mas dai glória ao Vosso nome era a sua divisa, extraída do hino de David. Depois, em 1128, a pedido dos seus fundadores (Hugo foi o seu primeiro grão-mestre) S. Bernardo impôs-lhes uma regra mística e austera. O eminente patriarca imprimiu-lhe o ardor e o fogo em que se acalentava todo o império da sua extraordinária eloquência: «Teriam de velar quando quisessem dormir; sofrer a fome e a sede, quando quisessem

Continua na 4.ª página

BRASÍLIA

Por António Maria Zorro

Brasília começou por ser, para o público português, e de um modo geral para o público europeu, uma espécie de absurdo. Não se compreendia que a capital do Brasil se afastasse da esplendorosa baía do Guanabara, que saísse da cidade maravilhosa que é o Rio de Janeiro—o Rio, cartão de visita internacional do Brasil.

Depois, à medida que as notícias foram cumprido o seu dever, caindo gota a gota na opinião pública e adoçando-a, começaram a perceber-se as vantagens do empreendimento, além da sua extraordinária au-

dácia: tratava-se de libertar a administração brasileira da asfixia de uma grande cidade como é o Rio de Janeiro; tratava-se, sobretudo, de levar o Brasil para o interior do continente sul-americano, de fazer projectar nesse interior os altos índices do progresso alcançados nos Estados litorais, de iniciar a última etapa da ocupação plena do território brasileiro—numa palavra: de acabar o Brasil.

A construção de Brasília passou então a ser um daque-

Continua na 5.ª página

TRIBUNA FEMININA

Maus Presságios Culinária A alimentação das crianças

O Namoro

Às vezes uma moça conhece um rapaz, gosta dele, firmam namoro. A princípio vai tudo bem. Depois... o rapaz começa a ceder. O namoro já não tem mais o encanto primitivo.

Mas continuam firmes. Ele ainda diz que a ama, mas principia a faltar aos encontros, arranja alguns flertes e passa a privá-la de tudo. Ela ainda gosta dele. (Será aquilo amor?) Mas sente-se infeliz. E nesse ponto, então, das duas uma: ou sob um pretexto qualquer o namoro se

Nora e Sogra

De tal forma há uma prevenção de nora contra sogra e vice-versa, que é sempre preferível que, pelo menos nos primeiros tempos de casada, a mulher viva só com o marido, enquanto se adaptam. Por menor interferência que tenha na família, a sogra sempre dá suas opiniões. Estas opiniões quase sempre coincidem com a opinião do filho, pois representam uma maneira de pensar segundo a qual ele foi habituado.

Ora, às vezes a esposa foi criada num ambiente muito diferente. E assim, são duas opiniões (do marido e sua mãe) a formar contra a opinião da esposa que, de início, se sente derrotada. Se ela declara luta aberta à sogra, o marido revolta-se, e ninguém lhe tira esse direito, porque é filho. Se se sujeita às opiniões da sogra quando há divergência, no íntimo sente-se profundamente infeliz. Por isso é que afirmamos que o ideal na formação de uma nova família é que marido e mulher estejam sós, a princípio. Só depois de um período de adaptação mais ou menos longo (pelo menos até um certo tempo depois do nascimento do primeiro filho) é que a convivência de terceiros não corre tanto risco. Que não se revoltam as sogras, ao lerem o que acima ficou dito. Que se coloquem na posição da jovem esposa, querendo agir sôzinha dentro do próprio lar, sem a interferência de ninguém, cujo único acto de presença já seria suficiente para cercar-lhe um pouco a espontaneidade. Depois desse período de adaptação a que nos referimos então a presença da sogra já será aceite com mais tolerância; é possível que o jovem casal tenha mesmo necessidade dela. Note-se que não queremos aqui excluir a pessoa da mãe, da vida do filho casado. Apenas estudamos desapaixonadamente um assunto que, infelizmente, tem sido fonte de muitos dissabores.

desfaz (o que acontece na maior parte das vezes) ou o casamento se realiza. Nesta hipótese, porém, longe de ser uma noiva feliz, a moça é uma criatura desiludida. As vésperas quase do casamento ela ainda nos pergunta se vale a pena casar-se. Não sente nenhum entusiasmo. Mas considera-se quase que moralmente obrigada a casar com o rapaz.

Ora, nossa opinião, nesse caso, a muitos poderá parecer estranha. Desaconselhamos inteiramente um casamento nessa circunstância.

O casamento não é uma instituição feita para remendar situações erradas (que na verdade esse reparo seria apenas aparente.) O casamento tem uma finalidade muito bonita, altruística, e só deve ser realizado sob bases concretas, de bom-senso, de ponderação, de amor, de entusiasmo. Quando falta tudo isso, quando o noivo e a noiva nunca estão de acordo, o que se pode esperar dessa união, senão um fracasso? E é justo que se submeta a esse fracasso facilmente previsível os filhos que eventualmente participarão daquela nova família?

Não, o casamento nas circunstâncias apresentadas, seria apenas um mal maior procurando remendar um mal menor. Afora essas considerações de natureza filosóficas poderíamos acrescentar um ditado de sabedoria popular muito oportuno: "antes só do que mal acompanhada".

Uma Ovelha Má...

Trata-se do caso dos maus companheiros, desses legítimos «amigos da onça», que exercem junto ao bom marido uma influência perniciosa, taxando-o de dominado pela mulher porque ele tem a preocupação de não fazer nada que possa contrariá-la. Tanto falam, tanto falam, tanto o induzem a farras que um dia, principalmente se ele tiver bebido um pouco mais, deixa-se levar e realmente engana a esposa. Esta, que já vinha de há muito pressentindo o perigo; torna-se agora presa de uma terrível decepção, já não olha mais para o marido com os mesmos olhos de antigamente. O marido, não encontrando na companheira a solicitude, a que estava habituado, retrai-se e foge cada vez mais dela. E a felicidade do casal se esvai. Passa como fumaça que se desfizesse no ar. Amanhã, marido e mulher são dois cépticos.

Nenhum acredita no amor. E o lar transforma-se apenas num aglomerado humano onde marido, mulher e filhos só estão reunidos pela força das circunstâncias, sem ne-

Pescada no forno

Escolhe-se a pescada que seja bastante grossa, tira-se-lhe a cabeça e a espinha depois de a ter escamado e arranjado como é costume. Esfrega-se então com sal, pimenta e limão e deixa-se a marinar.

Passam-se pela máquina algumas batatas cozidas, misturam-se com bastante manteiga e ovo, deixando-se este puré para enfeitar a pescada na altura em que diremos. Arranja-se um tabuleiro ou prato «pirex» que vá ao forno e depois de ter arranjado a pescada como um rolo, tempera-se com banha, azeite bom e um copo de vinho da Madeira. Assa-se, tendo o cuidado de a ir molhando e em estando meia assada enfeita-se por cima e em volta, com o puré de batata, usando para isso o saco e o bico próprios. Põe-se tudo outra vez no forno a corar.

Amêijoas à espanhola

Tomem-se amêijoas boas, lavem-se bem e ponham-se a abrir numa caçarola com pouca água fervente. Depois de abertas, tiram-se das cascas, coa-se a água em que foram abertas por um pano fino por causa da areia, guarda-se a água, e lavam-se as amêijoas bem em água fria. Num tacho põe-se cebola picada, salsa também picada e azeite, deixando refogar ligeiramente. Em estando loiro deita-se aos poucos a água de abrir as amêijoas, e uma porção de tomate limpo de peles e sementes; deixa-se apurar um bocado. Em seguida deitam-se as amêijoas, continuando tudo a apurar, e quando estiver o guisado quase pronto deitam-se-lhe pimentos doces ou picantes, a gosto, assados, pelados e cortados às tiras. Passados 10 minutos serve-se.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

hum entusiasmo, carregando a vida como um fardo. Ora, a vida realmente tem seus dissabores, mas a única força que ajuda a vencê-los é a do amor, de uma união de almas duradoura, indestrutível, de uma afeição sincera e dedicada, de um devotamento, de uma abnegação recíproca. Sem esse amor unindo os esposos não pode haver entusiasmo e sem entusiasmo nada se constrói.

«Geralmente quando uma criancinha de dois ou três anos recusa alimentar-se na medida do necessário, sua mãe experimenta os mais variados sistemas para conservá-la regularmente alimentada.

Algumas gracinhas pessoais, executadas por ela mesma ou por outras pessoas presentes, faz com que a criança, tendo a atenção desviada, relaxe os lábios e deixe pendente o maxilar inferior, do que a mãe se aproveita para lhe introduzir rapidamente a comida na boca. Eventualmente a mãe, ou pessoa encarregada da alimentação da criança, é obrigada a inventar novos truques para cada colherada que a criança tem de engulir. Os métodos variam, mas mesmo assim o sistema nem sempre dá resultado, além de requerer uma perda de tempo por vezes precioso.

Não deixa de ser aconselhável, portanto, outras modalidades bem mais simples, tais

como deitar dois ou três bicos de leite no copo do leite. A criança bebe o leite para conseguir apanhar as uvas.

Quando a refeição seja de sopa o emprego de pratos com bonecos pintados não deixa de dar o seu resultado pois a criança engole a alimentação com a finalidade de ver o boneco que está no fundo do prato.

Todos estes métodos para distrair as crianças, perdendo eventualmente, o carácter de novidade, e apresentam resultados meramente transitórios, ainda com a agravante de que distraíndo-se não sente o prazer de saborear a comida.

Portanto o melhor será deixar a criança comer sôzinha logo que ela tiver capacidade para o fazer. Se passar um refeição comendo mal é certo que na seguinte comerá melhor. É preferível a obrigar a criança a comer quando não lhe apeteça.

A. P. C. distingue Santa Filomena

Atendendo à sugestão que lhe foi feita e reconhecendo tal conveniência, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses deliberou que o seu apeadeiro de Mouquim, em Vila Nova de Famalicão que serve o Santuário de Santa Filomena naquela localidade, fôsse acrescido na sua designação de «Santa Filomena» e assim já se pode ler naquele apeadeiro: «Mouquim—Santa Filomena».

Verifica-se que o nóvel Santuário onde se realizam anualmente duas importantes festividades: a comemorar a data da morte da milagrosa Santi-

nha (10 de Agosto) e da descoberta do seu túmulo (24 de Maio) está a atrair sobre si as atenções gerais, mercê dos enormes benefícios que Ela vai prodigalizando a quem com fé, a Ela recorre e a visita, não só naqueles dias como em todos os outros, muito especialmente aos Domingos. Bem haja a C. P. por tão feliz deliberação que aliás não só beneficia os milhares de peregrinos como também os seus próprios serviços, pois facilita a indicação do local para onde os passageiros pretendem dirigir-se.

«O PASSADO»

Quem não sente saudades
Do tempo que já passou!
Todos recordam na vida.
A juventude vivida
Que o tempo arquivou.

Saudades tem concerteza,
D'um passado que não volta.
Vivendo na monotonia,
Esperando dia a dia
Que ela bata na porta.

A velhice é coisa triste!
É penosa quanto a mim.
Eis o seu significado:
Velhice quer dizer passado
E passado quer dizer fim.

É o caminho de nós todos
De lá não foge ninguém;
Passaram nossos Avós
É o mesmo de nossos Pais
E será o nosso também.

Tancos, José Silva.

TRIBUNA do CONCELHO

Ouvindo um elemento das Festas a Santo António

Ao avizinharem-se as tradicionais festas a Santo António — pouco mais de um mês nos resta — por nos constar serem, este ano, ainda mais imponentes que nos transactos, ouvimos um dos mais activos e dedicados elementos da Comissão, o Artur Macedo que, fluentemente, com a lhanza de trato e calma que lhes são peculiares, me disse: Este ano, pensamos, de facto, que as festas atingirão a maior grandiosidade possível. Imagine que, além das tradicionais fogueiras, dos tradicionais certames folclóricos, das já conhecidas sessões de fogo de artifício, dois números mais engrandecerão as festas. Refiro-me à «Festa da Rádio», de cujo elenco fazem parte artistas consagrados da Rádio e da T. V. e da monumental sessão de fogo preso no jardim do Largo. Anote, também que, já que a Vila cresce, consequentemente as iluminações crescem de igual modo. Outro problema que este ano ailgiu a comissão!

Iremos iluminar a Rua de Sá de Miranda e a perpendicular a esta. Mais uma despesa a realizar mas, como consolação, a certeza de mais duas ruas.

Olhe, já agora, vou dar-lhe, nota porque o que mais nos afilige são as «massas» das importâncias recebidas de Feiranovenses ausentes, ou simples simpatizantes da Feira-Nova, que vieram de encontro ao nosso apelo.

Transporte 900\$00

Ex. mo Sr. Luís R. da Costa e Távora 50\$00

Ex. mo Sr. Abel Sepulveda da Silva Dias 100\$00

Ex. mo Sr. João Maria F. Barbosa 50\$00

Ex. mo Sr. António M. Gonçalves 50\$00

A transportar 1.150\$00

Visado pela Censura

DE VISITA

Encontra-se de visita na freguesia de Paredes Secas o nosso dedicado assinante sr. Abilio da Silva e Sousa, P. S. Pública na cidade de Lisboa. Tivemos o prazer de o cumprimentar na nossa redacção; pagando-nos a sua assinatura. «Tribuna Livre» agradece e deseja-lhe muitas felicidades, juntamente de seus familiares e amigos.

Residência paroquial

A Dig. ma Junta de freguesia, trabalha com entusiasmo pela futura residência paroquial e patronato de Santa Filomena. As respectivas plantas, feitas pelo Senhor Ferreira, das Estradas, ficaram um primor, uma maravilha, tudo conforme a regra e estilo moderno.

Muito gratos pelo seu entusiasmo e dedicação.

Presidente da Câmara

Foi com imenso Jubilo e contentamento que recebemos a notícia do Senhor Dr. Eduardo Gonçalves para Presidente da Nossa Câmara Municipal, e assistimos, emocionados, à sua posse, na passada 5.ª feira.

Muitas felicidades.

C.

CAIRES CARTA DE LAGO

Festividade

Realiza-se no próximo Domingo, uma solene festividade em honra do SS. mo Sacramento e Nossa Senhora de Fátima, de promessa, feita pelo Senhor Domingos Fernandes Machado, do lugar da Geira. Consta de Hora Santa, prégada, no sábado, e no Domingo de manhã missa de comunhão Geral, e às 11 horas missa solene. De tarde, mês de Maria, sermão por um notável orador Sagrado, procissão eucarística, bênção do SS. mo e bazar de prendas. Todas estas cerimónias religiosas serão retransmitidos pelos potentes alto-falantes de Vilarinho — Vila-Verde, do nosso bom amigo Sousa. Sejamos gratos ao Senhor, pelos benefícios recebidos.

Mês de Maria

Faz-se todos os dias com edificante devoção, este piedoso exercício para todo o bom povo de Santa Maria de Caires.

Senhor Arcebispo Primaz

Na passada 5.ª feira—dia 5 de Maio, foi comemorado, piedosamente, o aniversário natalício do nosso venerando Prelado.

Houve missa, comunhão geral, orações, mês de Maria, e reunião das crianças da catequese, da cruzada e da escola, que dirigiram fervorosas preces ao Senhor, pela conservação da preciosa vida do Senhor Arcebispo Primaz que tem sido o prelado mais sábio e Santo que tem ocupado a sé de Braga; 28 anos de Arcebispo Primaz e 79 anos de gloriosa existência, entoamos ao Céu, um solene Te Deum de acção de Graças e anelamos, do coração, os melhores votos, para que esta data se repita ainda por longos anos para Honra e Glória de Deus e Supremo Bem da nossa gloriosa Arquidiocese Primaz.

Novo presidente da Câmara

Foi bem recebida, por todas as pessoas desta extensa freguesia de Caires, a notícia da nomeação do Senhor Dr. Eduardo Gonçalves para novo presidente da Câmara de Amares, todos folgamos imenso pela veneranda pessoa de Sua Ex. cia. O Concelho está de parabéns e esta freguesia espera mais uma vez o bom acolhimento do novo presidente nos seus melhoramentos, sobretudo, caminhos e electricificação.

Aniversários Natalícios

Fizeram anos esta semana: No dia 2, o Senhor José da

Meu caro amigo António

Na última carta apareceram algumas gralhas; «merecem» em vez de «mereceu»; «imaginas» em vez de «imagines»; «terminou» em vez de «teimou» «depõe» em vez de «dispõe».

Peço-te desculpa e vou dar-te algumas notícias para se não amontuarem escrevendo-te raras vezes.

Casamentos

Celebraram-se dois, há pouco. Severino Fernandes dos Santos, de Soutelo, Vila Verde, filho de Alexandre Fernandes dos Santos e Rosa Alves dos Santos, casou com Maria Gomes Soares, de Lago, Amares, filha de José António Soares e Rosa Adelaide Go-

mes. Faustino José de Barros da Cunha, de Navarra, Braga, filho de Joaquim da Cunha e de Teresa Maria de Barros, casou com Maria da Conceição da Costa Machado, de Lago, Amares, filha de Artur Machado e de Josefa Maria da Costa.

Como se trata de gente nova, e os noivos são de freguesias e concelhos diferentes, és capaz de os não conheceres. Mas, deves conhecer os pais delas, ao menos. São católicos e bons cidadãos, respeitadores do semelhante e cumpridores dos seus deveres sociais e religiosos. Julgo que não há maior elogio a fazer.

Nova Câmara

No concelho de Amares há grande expectativa e contentamento pela constituição da nova Câmara.

Isto, porém, não quer dizer que não haja descontentes; e, digo-te, existirão sempre até ao fim do Mundo... Quanto a mim estava mais ou menos satisfeito. Agora, porém estou mais contente porque espero grandes coisas de iniciativa, honestidade e valor dos figurantes da nova Câmara de Amares.

(Continua na 5.ª página)

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã — a Sra. Filomena Rosa Dias Antunes e o Sr. Bernardino Carvalho Ribeiro, nosso dig. mo correspondente em Pisões.

Dia 9 — o sr. Arnaldo Alves Vitoriano.

Dia 10 — a menina Maria do Carmo F. da Costa.

Dia 11 Ermelinda Tinoco Paredes.

Dia 12 Maria Madalena Ferreira Gonçalves.

Costa, nosso bom carteiro dos C. T. T. de Amares. D.ª Maria José Gonçalves, estimada tia do nosso bom amigo Senhor Garcia, de Lisboa, e o menino José Manuel de Almeida, de Besteiros, ausente no Brasil. No dia 4, o Senhor Joaquim de Sousa, da Barragem de Paradela, e no dia 5, o nosso velho e particular amigo de Amares, José João da Silva Ramoa, ex-ajudante do Registo Civil e prestigioso Secretário do Registo Civil de Automóveis, no Porto.

A todos, muitos parabéns, longa vida e felicidades.

C.

HUMORISMO

Na Escola

O professor:

— Estes problemas estão mal feitos. Vou dizer ao papá.

O aluno:

— Isso vai dar-lhe um grande desgosto.

— Porque?

— Porque foi ele quem os fez...

Só com os aros

Um oculista pergunta à mãe de um periz, a quem tinha vendido uns óculos:

— O seu menino tem-se dado bem com os óculos?

— Tem, sim, sr. mas como ele é muito travesso eu tirei-lhe as lentes e deixo-o andar só com os aros...

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

A posse do presidente e vice-presidente

(Continuação da 1.ª página)

manifestação tributada por todos os presentes.

A seguir o orador referiu-se à forma isenta e digna, à maneira proveitosa como o sr. dr. Teófilo Esquivel, illustre presidente da Comissão Distrital da U. N., vem dirigindo aquele organismo, realçando também a colaboração dada para a melhor solução deste caso, terminou por afirmar:

—E verifico com satisfação incontestada que o órgão político do Distrito tem à sua frente o homem de que precisava, calmo, reflectido, sério nas soluções, ao mesmo tempo que se dá à vida pública inteiramente, com a força do seu nome e o peso da sua inteligência.

Referiu-se às possibilidades de progresso do concelho e às qualidades do novo vice-presidente, sr. dr. António José da Costa, para dizer do interesse e do carinho com que o concelho recebeu a sua indicação e de quanto é justo esperar das suas qualidades.

Terminou por saudar o sr. dr. Eduardo Gonçalves a sua gratidão dizendo.

Gratidão, sim, pela obra grandiosa que vai há mais de 20 anos realizou no cargo que agora ocupa novamente, obra que não mais teve paralelo, sendo da sua autoria o que ainda hoje representa obra municipal de tomo.

Gratidão pela integridade moral de toda a sua vida.

Gratidão pela isenção com que procede e que se espelha no facto de tendo sido presidente da Câmara oito anos e presidente da União Nacional há 20, não arranjou um inimigo.

Gratidão porque pertencendo a uma geração que não é a nossa abreu sempre os braços estendeu sempre as mãos aos que surgiam, recebendo-os com carinho.

Gratidão por ter aceitado novamente o leme desse rincão de entre Homem e Cávado jardim de castelos e casas solarengas, de vales e montes paradisíacos, hoje mais do que ontem terra de esperança.

Fala o sr. Padre José António Dias

Sauda o sr. Governador Civil pelo êxito alcançado com a nomeação dos ora empossados, pela pacificação do concelho e pelo contributo que isso representa para a harmonia dentro do Distrito.

Por entre apoiados disse da satisfação que por toda a parte se nota pela maneira acertada como a política vem sendo dirigida, associando no elogio o sr. dr. Teófilo Esquivel, presidente da Comissão Distrital da U. N.

Visado pela Censura

Fala o sr. dr. António José da Costa

O sr. vice-presidente imposito começou por dizer

—Tive e senti, à minha volta, mais que uma vez ao longo da vida política do meu concelho, instantes solicitações no sentido da minha participação nas responsabilidades da direcção política e administrativa de Amares.

Essas solicitações vieram a concretizar-se e exprimir-se decisivamente no convite que V. Ex.ª me fez.

A aceitação e anuência a um convite desta natureza é sempre motivo de ponderação e estudo para qualquer cidadão. É-o muito mais para aqueles que têm, como eu, uma vida profissional muito intensa e que têm efectiva necessidade de se utilizarem da profissão.

Ponderei. Antes, em face das solicitações que de toda a parte me vinham e, depois perante o convite do meu Governador.

Em verdade, não podia esquivar-me à aceitação.

* * *

O Regime que serve o País há mais de 30 anos vive um momento de combate.

Não somos prudentes nem até práticos e coerentes para conosco e para os nossos, se fecharmos inconscientemente os olhos a essa realidade.

* * *

Mais adiante disse:

— Considero e considere sempre um factor de influência decisiva na marcha da nossa política a vida administrativa local.

O Município é um pequeno mundo, um pequeno Estado.

Para noventa por cento dos portugueses das nossas aldeias, o Governo concretiza-se na Câmara, os melhoramentos, ainda que feitos pelos cofres do poder central, são da Câmara, os insucessos são sempre da Câmara. Se tem necessidades ou aspirações a esta se dirigem. E até, a política, a ordem, e em certa medida a justiça, vêm-nos nos Magistrados que estão à frente do Município.

Por outro lado, se se pensar em beneficiar as populações rurais, se se tem em mente elevar o seu nível de vida, isso tem de ser antes de mais e principalmente pelas vias municipais.

A Câmara é a salvaguarda das populações.

Se nós, os políticos, fizermos um exame de consciência, aí o que temos de emendar.

Aqui, á um desleixo e um abandono e são regiões inteiras que ainda não têm estrada, nem luz, nem telefone.

Ali, é uma situação de compadrio e favor em que uns têm tudo e outros nada. Não raro toleram-se vin-

ganças, perseguições e consentem-se nos lugares seja no funcionalismo, seja nos cargos até paroquiais, pessoas de espírito vingativo, de moral duvidosa, pessoas que não servem, numa palavra.

São pecados do Regime, ouve-se tantas vezes dizer.

Eu direi antes que são pecados nossos, porque o Regime somos nós.

Aqueles que, em cada concelho, foram capazes de servir, sacrificando-se; os que puderem dedicar-se ao seu município sem ser por espírito de mando ou por preocupações de grandeza pessoal; os que lograrem pairar um pouco acima desse comum, mesquinho e interesseiro, venham daí, que temos deles falta.

* * *

Eu não posso pôr fim a estas considerações sem deixar aqui duas palavras de muito apreço e homenagem a duas pessoas que se dispensaram às necessidades e á política do meu concelho aquele interesse e atenção que, aliás, põem em todos os problemas do Distrito.

É justo aproveitar os momentos mais assinalados e as oportunidades de pública reunião para julgar os nomes e lhes fazer justiça.

Em primeiro lugar quero referir-me ao Senhor Governador.

O sr. dr. António Abranches assumiu a chefia do Distrito numa altura difícil.

Os problemas amontoavam-se e em alguns concelhos as soluções tornavam-se prementes.

Desde então, foram dadas soluções a vários concelhos dois dos quais são dos mais importantes do Distrito: Famalicão e Barcelos.

Quanto ao grau de acuidade, não sei se eram mais difíceis os casos de Barcelos ou Famalicão, se Vieira do Minho, se Amares.

Uma coisa é certa. Os nacionalistas bem intencionados tem de estar satisfeitos tanto em Barcelos e Famalicão, como em Amares ou Terras de Bouro. E todos tem de reconhecer que não se podia ser mais prudente, mais imparcial, mais isento.

Como saldo ou resumo, é grato e alegre reconhecer que a família política de Braga está mais unida, mais satisfeita, mais decidida a darem-se mutuamente as mãos na obra que é comum e de todos.

Creio interpretar o sentir comum, dizendo: parabéns Senhor Governador; e continue.

A outra palavra sabem já para quem tinha de ser. O Sr. Dr. Teófilo Esquivel assumiu a pesada responsabilidade de dirigir a U. N. numa crise, como sempre que há mutações.

Não ofendo nenhum dos ilustres antecessores se disser que em dedicação e in-

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Continuação da 1.ª página

comer e beber; suportar a fadiga, quando quisessem descansar; passar a um país quando quisessem ficar noutro, sofrer até o exílio perpétuo da pátria; usar os cabelos cortados rente, a barba eriçada e empoeirada, vestir com simplicidade, cobertos de pó, a fronte tisonada pelos ardores do sol, o olhar altivo e severo; as armas seriam o seu único adorno; despidas as armas, seriam da mais alegre e suave conversação.

Contraíam a obrigação de

teresse pela política e pelos problemas, em espírito de isenção, em tomar as coisas a sério, não é fácil ter sido excedido.

A obra de revigoramento dos quadros políticos e de reorganização tem sido levada a cabo com persistência, com firmeza quando é preciso, e com decisão.

Há novas ou recompostas comissões em alguns concelhos. Estão em curso outras.

Sabemos que o problema da instalação condigna da U. N. no Distrito, bem como o jornal, etc., são problemas que lhe têm custado esforços, deslocações a Lisboa, reuniões, etc..

Em verdade, Sr. Dr. merece a nossa colaboração. E te-la-á.

Terminadas as aclamações que coroaram a oração do sr. dr. António José da Costa, usou da palavra o sr. dr. Eduardo Gonçalves

Fala o sr. dr. Eduardo Gonçalves

Depois de agradecer ao sr. Governador Civil as saudações e referências que lhe dirigiu e a todos os presentes o terem comparecido, o sr. presidente da Câmara disse.

— Tudo isto tem para mim o significado de uma publica manifestação de interesse pela vida do nosso concelho, certamente esta a razão porque não foi possível realizar esta cerimónia de um ambiente de mais simplicidade, como era meu desejo, o que, além de me entusiasmar, conforta e que o senhor Governador Civil não deixará de tomar na devida conta para junto do Governo da Nação advogar oportunamente a nossa causa: enriquecer e melhorar a casa de todos nós. Assim o esperamos, pois sem o auxílio de V. Ex.ª pouco ou nada se poderá fazer, isto porque as possibilidades financeiras Municipais são insuficientes para a realização das aspirações cuja satisfação é urgente.

Desejo, antes de terminar, confessar a minha admiração por todos quantos até hoje se tem ocupado na administração dos haveres Municipais qualquer que tenha sido a sua categoria e ainda

entrar numa guerra sem tréguas contra os infieis; de aceitar o combate nem que fosse de um contra três; não pedir jamais quartel e não cederem para seu resgate nem uma polegada de muralha nem uma polegada de terreno; em suma, o máximo culto da honra, da pobreza, da obediência e castidade.

Leia, Assine

e Publique

«Tribuna Livre»

por aqueles que embora afastados das funções públicas, directa ou indirectamente teem contribuído dedicadamente por auto-empresendimento para dar realidade a antigas aspirações do concelho, tão necessárias ao seu progresso.

Já bast nte se tem feito e muito mais se fará, mas é necessário para isso crear um ambiente de respeito e de boa compreensão sem o que não haverá união nem estímulo para o trabalho. E isto só será possível abedecendo de princípios inaceitáveis e trocando a astúcia pela franqueza; sem esta não pode haver confiança e a sua falta dá motivo aos mais desastrosos efeitos. Por mim, garanto a V. Ex.ª que procurarei criá-lo espero ser compreendido.

Repetidas vezes leio alguns livros de autores da minha maior simpatia e fixo deles aquilo que mais me impressiona por temperamento.

Num deles encontrei estas afirmações que dito por achar sempre oportunas: Para vivermos felizes, devemos harmonizar tudo que dentro de nós houver melhor. Não é cara a verdadeira felicidade. Caríssimo é o preço da sua falsificação. (sic)

Trabalhando todos com a verdadeira observação destes princípios acabaremos unidos e o concelho progredirá.

Para terminar: procurei, no que em linguagem simples e verdadeira disse: traduzir o meu desejo que assim sinteliso, sinceridade, harmonia e trabalho. Fico na convicção de que com sinceridade, desejo de harmonia e vontade de nos auxiliar nos trabalhos que tentaremos realizar é que V. Ex.ª aqui vieram hoje.

Ao terminar o snr. presidente da Câmara agradeceu ás pessoas de fora do concelho a sua comparência.

No final, tal como tinha acontecido várias vezes durante o seu discurso, o orador foi muito aplaudido.

Finalmente os empossados receberam as saudações e cumprimentos de todos os presentes findo o que trocaram as primeiras impressões com o Governador sobre assuntos do maior interesse para o Concelho.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 69

(CONTINUAÇÃO)

com 1,66m. de altura, além de estar muito enterrado, 1,27 de circ. e tamanho de letra 0,08. boroado por uma cruz inteiriça, com 0,80 aproximadamente. Foi dedicado aos impedidores *Caro, ou Carino*, seu filho, pelos anos 282—285.

E como qualquer outro, um miliário autêntico da Geira e digno de ser cotado como monumento nacional. Fixo e permanente no seu verdadeiro lugar, simplesmente mudado da margem para o meio do caminho que também serve de terreiro, tem para o caso a vantagem de determinar o verdadeiro traçado da Geira que andava consideravelmente desviado do seu verdadeiro rumo, numa boa parte do seu trajecto, seja de Braga a Caires.

Este achado confirma os depoimentos de Montebelo—que os miliários que o arcebispo D. Diogo mandou recolher a Braga, pelo ano de 1518, estiveram no adro da igreja de S. Martinho de Carrazedo, onde ficaram dois que mais tarde o donatário Francisco Machado da Silva, seu avô autorizou que os fizesse seguir o mesmo destino o arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus, constando que ao todo 12 padroes que foram levados dos arredores da cidade.

Vilar da Veiga

E transpõe-se mais uma vez a serra para ir finalmente em demanda desta última freguesia, compreendida nos limites naturais das terras de Entre-Homem e Cávado assim propriamente demarcadas.

Quando de modo frequente se tem começado pelo fim, no que cada paróquia apresenta de mais recente e notável pelos seus progressos de ordem religiosa, técnica, artística ou monumental; pelo que delas ressalta de mais viva impressão à superfície da terra e do tempo, e depois se caminha até ao fundo da sua história—vai agora aqui proceder-se de forma diferente, procurando analisar Vilar da Veiga pelo seu princípio e de modo a encabeçá-la na sua verdadeira origem. Tem isto vantagem de evitar certas desorientações, quando por vezes lhes cantam de fora «certos fadinhos» e acordam tentações de anexamento—saberem onde tiveram a cabeça que de alto a baixo as domina.

É uma freguesia jovem, relativamente comparada ás de avançada idade, que são todas as suas vizinhas. Mas, a despeito da sua mocidade, nem por isso se ficou na pequenês ou insignificância, vistas as circunstâncias favoráveis que lhe deram o impulso e a existência.

O padre Carvalho da Costa, na sua *Geografia Moderna* (1706) ainda não faz dela qualquer menção. No entanto, deve pouco depois, em pleno século XVIII, ter tomado forma a sua criação, exigida por um constante crescimento populacional, de famílias que de fora aqui vieram estabelecer-se, atracção exercida pelo notável movimento e extraordinária importância que a partir da mesma altura começou a denunciar-se a favor das Caldas do Gerês e por virtude de outros factores de ordem demográfica que adiante não de considerar-se.

E, conforme consta, esses primeiros povoadores que uns dizem colonos outros chamaram «correccionais» vindos de Lisboa; andaram estes primeiros habitantes à deriva, sem terem aonde acolher-se a receber assistência religiosa; a mendigar os sacramentos sem haver quem os admitisse no seu grémio paroquial, nem tão pouco se matrimoniavam com eles mulheres das freguesias vizinhas.

Isto tem explicação e é um testemunho do forte isolamento em que viveu esta gente das montanhas; do seu receio e tradicional aversão por todos os povos estranhos. Em Vilarinho da Furna e noutros lugares, quando aparecia qualquer indivíduo desconhecido, tocava a *corná o carrapito* a chamar e juntar o povo para examinar o intruso. Por conseguinte, nenhuma de tais atitudes pode ou deve trazer-se por malícia, senão pelo instinto de natural defesa, de herdeiros de gerações tão duramente atraídas em épocas mais remotas, como se tem relatado.

Mas, aonde foi Vilar da Veiga descobrir o espaço muito considerável da superfície territorial que ocupa, solo rico de produção cerealífera nas férteis veigas que lhe determinaram o sobrenome: de vastíssimos montados com algumas dezenas de léguas de extensão, integrados de sempre no das antigüíssimas tradições pastoris dos povos da serra do Gerês e da Ribeira de Homem?

(Continua no próximo número)

Quase Mortos de Fome

foram detidos pelas Autoridades Francesas e vão ser repatriados 14 Portugueses que emigraram clandestinamente, fiados nas promessas de um Espanhol chamado Mariano

Catorze portugueses, que entraram clandestinamente na França, vão ser repatriados pelas autoridades francesas. Os homens, todos entre os 30 e 40 anos, procedem de uma aldeia portuguesa próxima da fronteira e chamam-se António Augusto Lourenço; Augusto Fernandes; Adré e Francisco Gonçalves Clemente; Arminho Manso Videira; Francisco Marques, Joaquim Martinho Pelicano; José Alberto, Martinho Roque, Domingos Maia, António Rodrigues Cunha, Manuel Vaz Antunes, Damase Domingos e Manuel Vaz Silva.

Sem emprego na França, e com mulher e filhos na aldeia natal, atravessaram a pé a Espanha e aproximaram-se da França pelos Pirinéus, es-

colhendo os caminhos menos frequentados. Iam em busca de trabalho — explicaram — fiados nas promessas de um espanhol, que desaparecera depois de os conduzir à França e os deixara quase sem dinheiro. Sabem apenas que se chama Mariano.

Perdidos e esfomeados, os homens esconderam-se numa floresta próxima do Marmande, durante oito dias. A fome tornou-se insuportável e, desesperados, aventuraram-se finalmente a aproximar-se de um povoado vizinho, onde tentaram comprar pão com moeda portuguesa. A Polícia pediu-lhes os documentos de identificação e, à falta deles, prendeu-os imediatamente.

BRASILIA

(Continuação da 1.ª página)

les acontecimentos «vedeta», um daqueles «best-sellers» da opinião pública, de que toda a gente fala mesmo sem conhecer nada do assunto e de que todo o papel impresso se sente na obrigação de dar notícia e gravura. O montante das verbas investidas na construção da nova capital brasileira —cerca de quatro milhões e quinhentos mil contos—pareceu fabuloso aos nossos economistas amadores; a arquitectura ultramoderna da cidade nova, concebida por Lúcio Costa à imagem de um gigantesco dragão alado, tornou Oscar Niemeyer um ídolo da gente moça que estuda arquitectura, se interessa por artes plásticas ou, muito simplesmente, gosta do que é moderno; ainda se não tinham erguido as paredes fantasmagóricas do Palácio da Alvorada e já havia quem as considerasse as mais belas do mundo.

Assim, neste crescendo de interesse, Brasília foi-se tornando realidade e fazendo parte das conversas do dia-a-dia lusitano. Aproximou-se a data da sua inauguração. Nomeado Legado do Papa à soleníssima cerimónia, saiu do Tejo o Cardeal Patriarca de Lisboa, lembrando ao partir que não levava consigo apenas a representação pontifícia—mas também a do Portugal cristão e missionário, como que a reincarnação de Frei Henrique de Coimbra. Depois, seguiu na mesma rota atlântica a cruz que acompanhou ao Brasil Pedro Alvares Cabral, na viagem de achamento, uma pequena e velha cruz, pertença da Sé de Braga e onde já mal se

advinham os vestígios do crucifixo que foi; depois, ainda, já em vésperas da inauguração, começaram a chegar os relatos da maneira apoteótica como o Rio de Janeiro recebeu o Cardeal português e as declarações de muitos brasileiros ilustres, associando indissolavelmente o nome de Brasília ao de Portugal, o primeiro dia de vida da nova capital ao 460.º aniversário do primeiro dia de vida do Brasil como terra lusiada.

Então aquilo que fora apenas interesse ou curiosidade transformou-se de repente em sentida emoção, uma emoção que foge a exprimir-se em palavras, para que a não maculem os lugares-comuns.

Foi de facto, com um sentimento de ternura que Lisboa soube do nascimento oficial de Brasília, lendo de ponta a pon-

LAGO

(Continuação da 3.ª página)

Falei-te em «honestidade». Nos homens públicos esta qualidade é imprescindível. Servir, todos servem, o que importa é servir bem. Parece-me estar-te já a ouvir:—E servir os próprios interesses também é servir bem!...— Não, meu amigo! Um homem que não sabe administrar a sua casa também não sabe administrar a coisa pública. Nisto estamos todos de acordo. Importa porém que a boa administração doméstica se aplique aos negócios públicos, e que estes, precisamente por serem públicos, sejam tratados ainda com mais escrúpulo do que os domésticos. Portanto, servir bem nas coisas públicas é tratá-las como se fôssem próprias e fazer que redundem no maior bem de todos. Por isso quem pretende dormir ou servir-se dos cargos de administração pública para satisfazer caprichos ou servir compadres, não deve entrar! e, se entrou, deve imediatamente sair!

Julgo poder afirmar, sem ofensa para ninguém, que a política em Lago e no concelho melhorou bastante com a entrada do ano de 1960.

Dispõe do sempre teu: J. Moreira. Lago, 4-5-1960.

ta os pormenores da reportagem e procurando avidamente escutar pela Rádio algo do momento histórico que se vivia do outro lado do Atlântico, na noite luminosa do planalto goiano, estrelada pelo Cruzeiro do Sul e pela esperança de uma jovem e grande nação:—a missa do baptismo de Brasília, celebrado por um Cardeal português perante a cruz da missa do baptismo do próprio Brasil. Com um risonho, sincero, sentimento de ternura—o mesmo, afinal, que se costuma ter quando nos nasce um neto. E tal foi o caso. Tal foi o sentido jubiloso e transparente das mensagens trocadas entre os Chefes de Estado dos dois Países, na manhã clara em que nasceu Brasília.



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO'

SÉGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

A DRAMÁTICA HISTÓRIA do «Bismarck»

O «Bismarck» era em 1940 uma das maiores unidades da frota alemã, de que constituía simultaneamente o orgulho e a base mais sólida.

Assim, desde o princípio da guerra que o grande navio partia para o mar e aí praticava devastações entre os barcos mercantis ingleses. Por várias vezes, o enorme couraçado lançou-se sobre comboios britânicos, meteu a pique navios em série e ameaçou gravemente o reabastecimento inglês.

O Almirantado inglês decidiu acabar com o navio corsário que tão perigoso se revelava. Incumbiu por isso o comandante Shephard de perseguí-lo. É o «Hood», respeitável cruzador da frota britânica, que recebe essa missão.

Mas o «Hood» vê malogrados os seus desígnios. Tenta interceptar o «Bismarck» por altura das costas norueguesas, mas deixa-se afundar e centenas de marinheiros perecem lamentavelmente no mar. Perda aterradora para a Inglaterra. Winston Churchill envia a toda a frota uma mensagem lacónica, que equivale a um ultimato: «Afundem o Bismarck a todo o custo. Pouco importa como o farão. Mas tem de o afundar.»

É em 1941, cerca do fim do ano. O «Bismarck» passa o Canal sob as barbas dos ingleses. Saindo do Havre, tenciona tomar o caminho dos «fiords» da Noruega. Os ataques aéreos não produzem efeito. Uma nova flotilha é enviada ao seu encontro.

Por alturas de Scagerraque, local onde, já em 1916, uma formidável batalha pusera frente a frente as forças navais da Inglaterra e da Alemanha, o «King George» corta-lhe o

passo. Os canhões disparam e o «King George» entrega-se a manobras audaciosas, mas não consegue meter a pique o «Bismarck», cujas chapas de blindagem atingirem muitos milímetros de espessura e são invulneráveis aos obuses ingleses.

Pelo menos, o navio britânico, que sofre terríveis perdas e danos consideráveis, força-o a parar e impede que prossiga, dando tempo a que o Almirantado faça intervir novas unidades.

Um porta-aviões, o «Ark Royal», é enviado para o local de batalha. Depois de algumas horas, chega em socorro do «King George», que tenta, em vão, reparar as avarias que sofreu. O Almirantado inglês julgou então inútil atacar o couraçado germânico por unidades da frota, cujos canhões se mostraram incapazes de opor-se à artilharia alemã. Decide dar-lhe batalha com os seus aviões.

E é por vagas sucessivas que os aviões do «Ark Royal» despejam as suas bombas sobre o «Bismarck», que se defende com todas as baterias, vomitando fogo como um dragão furioso. Mas as vagas de aviões renovam-se, novas bombas caem, novas avarias surgem. Depois, bruscamente, o navio é atingido nos seus paióis de munições. Enorme explosão, seguida de chamas gigantescas, ergue-se do mar. Quando a nuvem de fumo desaparece, o magestoso couraçado mergulha, lentamente, nas águas. Morreu o «Bismarck». A ordem de Churchill foi executada, à custa de pesadas perdas. Mas o principal apoio da frota alemã foi destruído.

Condições de Assinatura

| Continente | |
|----------------------|---------|
| Ano | 50\$00 |
| Semestre | 25\$00 |
| Ilhas | |
| Avião—ano | 150\$00 |
| Semestre | 75\$00 |
| Barco,—ano | 80\$00 |
| Semestre | 30\$00 |
| Brasil | |
| Avião—ano | 150\$00 |
| Semestre | 75\$00 |
| Barco,—ano | 60\$00 |
| Semestre | 30\$00 |
| Estrangeiro | |
| Avião—ano | 180\$00 |
| Semestre | 90\$00 |
| Barco,—ano | 80\$00 |
| Semestre | 40\$00 |

Os Netos

P'ra consolar a velhice,
Que não tem outros afectos,
Mandou-lhe Deus a meiguice
E os sorrisos dos netos.

Tem tanta graça a minha neta, quando,
Com vinte meses, já me diz assim,
De rosto sério e com ar de comando,
—Anda, . . . vovô... minina que jadim.—

E se no chão ás vezes se estatela,
Num doloroso choro que condoi,
E na maviosa voz de filomena
Me diz, a soluçar, vovô... doi... doi!

Mas pouco tempo dura a choradeira;
Bem depressa lhe passa a comoção...
Ouviu ladrar o Preto aqui à beira,
E diz-me, agora a rir, vovô... chão... chão.—

Ponho-a no chão, e muito satisfeita,
Sem mesmo já pensar no tranbólhão,
Lá corre para o Preto e, desta feita,
Imitando a voz d'ele, diz:—ão... ão!!!

Mas quando a noite chega, já cansada,
Só quere a avó a quem acaricia;
E por fim, adormece sossegada
Depois de ter rezado, Avé Maria!

UERBA

BOURO

Defesa Civil do Território

Curso de Instrução

Promovido pelo Ex.^{mo} Comandante Distrital de Braga e devido ao dinamismo do Senhor Comandante da Legião Portuguesa do nosso concelho, está organizado um curso de instrução da D.C.T., que funcionará em Bouro, nos dias 9, 10 e 11 do corrente, entre as 21 e 23 horas.

O referido curso será ministrado por um competente graduado da D.C.T. do

concelho, auxiliado por dois filiados do Distrito, que positivamente se deslocam a Bouro, nos dias acima indicados.

Talvez não seja ignorado por uma grande parte dos nossos homens, as enormes vantagens nos conhecimentos da instrução da D.C.T. e até que pontos se tem espalhado a sua benéfica rede. Bouro, não pode nem deve encerrar-lhe as suas portas, mas sim receber, de braços abertos e com o maior carinho, a vantagem que se nos oferece de tomar contacto directo com a D.C.T. e de conhecer a sua proveitosa instrução. Torna-se, portanto, indispensável que o curso seja frequentado pelo maior número possível, ao qual não faltarão, estamos certos, todos os bons Bourenses.

Os cartazes de publicidade, afixados no Largo do Terreiro, dão-nos uma nítida ideia da conveniência que nos acarreta a D.C.T.

Trata-se de um Curso de Vigilância Rural e que consiste no seguinte: O que é a D.C.T. e a sua necessidade; meios de defesa em frente ao ataque inimigo; efeitos da guerra biológica nos homens, animais e plantas; a necessidade que a D.C.T. tem da nossa colaboração e o proveito da sua instrução; missão do Agente Rural.

Creemos ter ilucidado convenientemente e aguardamos que não falte a colaboração dos nossos briosos homens, na D.C.T., que pode trazer importantes benefícios à localidade, alguns dos quais muito necessitados.

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

—da habilitação que fez, em 1791, D. Francisco António Machado, como único herdeiro de seu tio D. Manuel Francisco que foi capitão de mar e guerra, afim de requerer seus serviços.

—de doação que fez, em 17 de Out. de 1524, D. Ana Rodrigues de Carvalho, viúva do Contador-mór de Entre-Douro e Minho, Rui Mendes, fidalgo da C.R., a seu filho Joane Mendes de Carvalho.

—do testamento com que faleceu D. Joana da Silva, viúva de D. Manuel Machado, em 18 de Fev. de 1539.

—da escritura de contrato e casamento do conde de Vila-Flor com a filha de D. Jorge Henriques Pereira, em 1724.

—da sentença de confiscação e desnaturalização de Luís Gueifel Barbarino, para se ausentar do Reino, sem licença de el-rei, em 1725.

—da quitação que deu D. Eufrásia Maria de Menezes a seu irmão D. Brás Baltasar da Silva, da quantia de 8 mil cruzados, e seus juros, por lhos haver emprestado, em 1726.

—do falecimento, em 1760, de D. Afonso de Menezes, senhor da Barca.

—da patente de Comissário G.al dos Capuchinhos, de D. Jorge Francisco Machado de Mendonça e seus parentes dada em Roma a 13 de Julho de 1752.

—de doação e disposição testamentária de D. Diogo de Mendonça Corte-Real, na praça de Mazação, em 1764.

—do decreto por que D. Jorge Francisco Machado foi nomeado governador de Evora.

—de dois decretos: um contra o Almirantado e a favor do marquês de Nisa, de 23 de Setembro de 1800; outro sobre o assento e a cópia da patente de Sargento-mór graduado, com exercício de capitão do Regimento de Lippe, de D. Francisco Ant.º Machado, de 1791.

—da habilitação e sentenças a favor dos condes da Figueira, para se encartarem nos bens da Coroa.

—da sentença a favor do síndico de S. Francisco de Xabregas, contra D. Jorge Francisco Machado, pelos encargos pios da capela de D. Pedro de Essa, os quais ficaram pagos até 1758.

—da escritura que declarou a venda que se fez, em 1690, de uma partida de diamantes orientais, por 12 mil e 500 cruzados e para ajuda do preço da compra da alcaidaria-mór da vila de Mourão.

—de uma escritura de distrate de 3 mil cruzados, à conta de 6 mil, que D. Luísa de Mendonça, viúva de D. António Félix Machado, havia pedido emprestados para o casamento de seu filho Félix José, em 1702; junta outra escritura de distrate de toda a importância, em 1720.

—da causa de libelo que o 2.º marquês de Montebelo propôs, logo que veio de Castela, contra os foreiros de Bobadela e Nogueira no termo de Montalegre.

—do testamento com que faleceu o Conde de Castelo—Melhor, escrivão da puridade de D. Afonso VI.

—da sentença de uns autos de execução de partilhas que pela sua legítima materna, de 4.913\$553 rs, requereu como autor Manuel de Sousa da Silva, em 1728, contra Félix José Machado.

—do Contraste da Corte sobre a avaliação de 189 diamantes de vários tamanhos, nos anos de 1738 e 1747.

—do alvará de licença para D. Lourenço de Almeida, 2.º marido de D. Isabel Henriques, poder acabar, em 1746, as obras do palácio da calçada de S.to André.

—do requerimento feito ao escrivão do Apostólico da Corte por Félix José Machado, em 1730, acerca da quantia da pensão que seu irmão Manuel de S.sa da Silva tinha no canonicato da Sé de Lisboa.

—da dispensa da menoridade, concedida em 1773 pelo Grão-mestre de Malta para que D. Jorge Machado professasse na Ordem de cavaleiro maltês.

—da petição feita a el-rei pelo 2.º marquês D. António, na qual refere os seus serviços e lhe pede o posto de «mestre de campo» do Terço da praça de Moura.

—do alvará de mercê das jurisdições do lugar de Ancião criado

(CONTINUA)